

ARTIGO

# A construção de uma história pública da imigração italiana no Sul do Brasil

*The Construction of a public history of Italian immigration in Southern Brazil*

Juliana Maria Manfio\*

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil*

Maíra Ines Vendrame\*\*

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil*

**RESUMO:** O presente artigo centra a análise nas comemorações do Centenário da Imigração Italiana, ocorridas no Rio Grande do Sul na década de 1970, momento em que foi instituído pelo Governo do Estado o Biênio da Colonização. Nosso objetivo é compreender, através das atividades comemorativas e iniciativas de determinados atores sociais, as ressignificações da memória e a constituição de uma história pública da imigração italiana. Para isso, iremos utilizar como fontes especialmente jornais e fotografias. O reforço de aspectos que marcavam a identidade do grupo de imigrantes italianos e descendentes passou a ser destacado através de atividades diversas, como festas, desfiles, almoços e jantares, construção de monumentos, crônicas e livros que narravam o passado das famílias como uma epopeia. A partir disso, operou-se uma reconstrução da história visando o enaltecimento de certos elementos da cultura imigrante, indo ao encontro das demandas políticas e sociais da década de 1970.

**PALAVRAS-CHAVE:** imigração italiana, centenário; comemorações; história pública; Rio Grande do Sul.

---

\*E-mail: [jumanfio@hotmail.com](mailto:jumanfio@hotmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0007-8166-5109>

\*\*E-mail: [mvendrame@unisinors.br](mailto:mvendrame@unisinors.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

**ABSTRACT:** *This article focuses the analysis on the celebrations of the Centenary of Italian Immigration that took place in Rio Grande do Sul in the 1970s, when the State Government established the Biennium of Colonization. Our objective is to understand, through commemorative activities and initiatives of certain social actors, the resignifications of memory and the constitution of a public history of Italian immigration. For this, we will use as sources especially newspapers and photographs. The reinforcement of aspects that marked the identity of the group of Italian immigrants and their descendants came to be highlighted through various activities, such as parties, parades, lunches and dinners, construction of monuments, chronicles and books that narrated the past of families as an epic. From this, a reconstruction of history was carried out, aiming at the enhancement of certain elements of the immigrant culture, meeting the political and social demands of the 1970s.*

**KEYWORDS:** *Italian immigration; centenary; festivities; commemorations; public history; Rio Grande do Sul.*

## Introdução

No último quarto do século XIX, a região Sul do Brasil passou a receber imigrantes italianos que possuíam como principal destino áreas destinadas à colonização europeia. O apoio à imigração italiana por parte do Império brasileiro tinha como objetivo ocupar áreas de terras públicas, garantir a produção agrícola para o mercado interno e proteger as fronteiras através do incentivo ao estabelecimento de famílias camponesas do continente europeu. O ano de 1875 é considerado a data oficial do início da ocupação por partes dos imigrantes italianos das primeiras áreas destinadas à colonização italiana na província do Rio Grande do Sul. Inicialmente, foram fundados três núcleos coloniais na região da Serra Gaúcha: Conde d’Eu, Dona Isabel e Campos dos Bugres (atual Caxias do Sul), na parte nordeste do território sul-rio-grandense. Posteriormente, em 1877, um quarto núcleo colonial foi fundado no centro do Estado, sendo denominado de Colônia Silveira Martins.

É preciso mencionar que antes da fundação das primeiras colônias italianas na parte nordeste do Estado, o Rio Grande do Sul já havia tido experiências de colonização europeia com os alemães que, na década de 1820, passaram a ocupar a Colônia São Leopoldo, posteriormente também em outros lugares. Apesar de se estabelecerem principalmente nas áreas coloniais, os dois referidos grupos também se fixaram em áreas urbanas, como na capital Porto Alegre, onde passaram a se dedicar a atividades comerciais. Rapidamente, a partir dos anos 70 do Oitocentos, a imigração italiana foi ganhando destaque na província, sendo as terras públicas ocupadas pelas famílias imigrantes que chegavam, na sua maioria, na condição de camponeses.

O presente artigo centrará a análise nas comemorações dos 100 anos da imigração italiana, ocorrida no Rio Grande do Sul na década de 1970, momento em que foi instituído pelo Governo do Estado, o Biênio da Colonização e Imigração.<sup>1</sup> Através do Decreto nº 22.410, era previsto festejos de cunho oficial entre os anos de 1974 e 1975, para os grupos de origem alemã, italiana, açoriana, polonesa, assim como para coletivos negros e indígenas, entre outros grupos étnicos que haviam marcado presença no Estado e contribuído para o seu desenvolvimento. Assim, nos anos 70 e 80 do século XX, em regiões e municípios marcados pela imigração europeia do Oitocentos, foram organizadas atividades comemorativas e festividades com apoio público com o objetivo de comemorar a presença e importância de determinados grupos étnicos para o progresso local. Em lugares que haviam recebido os primeiros grupos de imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul, passaram a ser organizados comitês para providenciar as comemorações da chegada dos “pioneiros” europeus.

Nosso objetivo no presente trabalho é analisar, através das atividades comemorativas e iniciativas de determinados atores sociais, como os padres, a construção de uma memória<sup>2</sup> e história pública da imigração italiana no Estado. A exaltação e reforço de aspectos que marcavam a constituição da identidade do grupo imigrante, aqui no caso os italianos, passaram a ser destacados através de diversas atividades, como as comemorações, a construção de monumentos e a própria organização de livros que narravam a epopeia das famílias imigrantes que chegaram às regiões coloniais do Sul do Brasil no século anterior.

Para desenvolver essa pesquisa, utilizou-se fontes de natureza variada, como fotografias, folders, jornais, músicas, convites, monumentos, entre outros, especialmente documentação produzida nas/ou para as atividades festivas. O artigo se encontra dividido em duas partes: na primeira buscamos compreender como as festividades do Centenário da Imigração Italiana foram vivenciadas em diferentes comunidades da atual Quarta Colônia.<sup>3</sup> Na segunda parte, nos centraremos nas ações de um sacerdote, descendente de imigrantes italianos, que organizou eventos, auxiliou na construção de monumentos e elaborou escritos sobre a vida das famílias imigrantes e do processo migratório. Analisaremos o envolvimento de diferentes atores sociais, geralmente indivíduos que pertenciam às paróquias marcados pela colonização italiana, em iniciativas que visavam constituir e reforçar uma determinada identidade de grupo, bem como a ligação com os lugares formados com a chegada dos imigrantes.

## As comemorações do Centenário da Imigração Italiana

O Biênio da Colonização e Imigração no Estado do Rio Grande do Sul na década de 70 do século XX decretava a criação de comissões que tinham como objetivo principal institucionalizar as programações festivas e organizar as celebrações. De caráter oficial, elas eram compostas por agentes políticos de âmbito estadual e federal, líderes religiosos, representantes do Exército e da Aeronáutica.<sup>4</sup> Em discurso proferido pelo governo em maio de 1973, era ressaltado que as festividades deviam ser um “momento excepcional da nossa existência como povo ordeiro, trabalhador, pacífico, um povo que encontra no acervo do passado as lições de coragem, de honra, de trabalho e de patriotismo que nos alentam para a construção de um Rio Grande maior”.<sup>5</sup>

Os idealizadores consideravam o Biênio como uma ocasião única para comemoração no presente de um determinado passado, que devia também ser um impulso para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Estado. Era um momento para celebrar, rememorar e impulsionar o contínuo crescimento do território gaúcho, a partir do reconhecimento da importância que tiveram alguns grupos étnicos que se estabeleceram na província mais meridional do Brasil, a exemplo dos imigrantes europeus, especialmente alemães e italianos. O levantamento histórico e comemorações deveriam ser pensados pelas comissões regionais e municipais, devendo também ser estabelecida troca entre entidades “interessadas no estudo, na pesquisa e na divulgação dos fatos que deram origem ao povoamento sul-rio-grandense, que marcaram com características inconfundíveis o meio físico e a paisagem humana do Estado”.<sup>6</sup> Nesse sentido, o Biênio se tornou um importante momento para o incentivo à pesquisa histórica e à exaltação da cultura de diferentes grupos étnicos, mobilizando estudiosos e escritores, vinculados ao meio acadêmico ou não, a produzirem pesquisas e publicarem livros sobre a história do Rio Grande do Sul.

Com relação à imigração italiana, as obras produzidas no período destacam a contribuição do grupo para o desenvolvimento das regiões em que se estabeleceram, a formação cultural dos imigrantes, os costumes e os aspectos que compunham a identidade étnica nas áreas de colonização europeia.<sup>7</sup> Assim que o Biênio foi decretado, no ano de 1975, passaram a ser organizadas as comemorações oficiais dos 100 anos da presença italiana: celebrações públicas, inaugurações de monumentos, produções de

pesquisas e até a realização de concursos para premiar a melhor monografia sobre a contribuição do imigrante para o desenvolvimento e formação do povo gaúcho. A obra intitulada *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*, de Olívio Manfroí (1975), foi uma das premiadas. Nela, o autor analisa a “extraordinária aventura humana” das famílias de imigrantes italianos que, “através de muita luta, sofrimentos e trabalho diário, conseguiram prosperar nas terras do sul do Brasil, apesar das adversidades encontradas”. Ressalta que a comemoração do centenário “não é simples homenagem que o amanhã esquecerá, ela traz o caráter de reconhecimento solene e oficial do sucesso da obra colonizadora realizada pelos imigrantes e seus descendentes em terras gaúchas” (Manfroí, 1975, p. 15). Recebendo menção honrosa no referido concurso, Rovílio Costa (1974), no livro *Imigração italiana: vida, costumes e tradições*, destacou algumas das características consideradas importantes dos imigrantes e descendentes, como o fato de serem “extremamente religiosos”, valorizando os atributos como a coragem, força e fé, bem como a “solidariedade e harmonia”, que marcavam as relações internas entre a população. Na sua visão, em menos de 100 anos, os imigrantes e descendentes que haviam emigrado da Península Itálica e transformaram o cenário montanhoso onde se fixaram em “riquezas das mais diversas culturas” (Costa, 1974, p. 36).

Os referidos trabalhos ressaltaram aspectos comemorados nos festejos do Centenário da imigração italiana que ocorreram em diversos lugares do território sul-rio-grandense. A exaltação de aspectos como a existência de uma ética do trabalho, a coragem e a religiosidade foram elementos rememorados como constituidores da identidade étnica da população que viveu e vivia nos antigos núcleos coloniais.

Apesar de não fazer parte das comemorações oficiais do Biênio no Estado, a antiga Colônia Silveira Martins, que era o quarto núcleo de colonização italiana, localizado na parte central Rio Grande do Sul – conhecida atualmente como Quarta Colônia –, não deixou de comemorar o Centenário. Porém, os pesquisadores locais demoraram para escrever sobre a presença italiana na região. Com o título do livro *A imigração esquecida*, Silvino Santin (1986) ressalta que as comemorações afastaram a possibilidade de esquecimento na referida área colonial.

É muito importante olhar para a relação que existe entre a historiografia gaúcha produzida nas décadas de 1970 e 1980 sobre a história da imigração com o contexto festivo, de promoção de atividades diversas, de exaltação dos valores e presença dos italianos no Estado. Aspectos como a superação enfrentadas pelas famílias de imigrantes italianos e descendentes nas regiões coloniais, as dificuldades vencidas tanto na travessia como nos primeiros tempos, somadas à contribuição para o crescimento econômico e político, aparecem nos trabalhos do período, sendo eles fundamentais para construção de uma narrativa laudatória sobre a saga dos pioneiros italianos, que assume também uma função memorialística e totalmente alinhada aos propósitos daqueles que pensaram o Biênio das migrações.

Para além dos mencionados autores que são referência quando se pensa na historiografia clássica sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul,<sup>8</sup> é importante destacar outros que publicaram livros e realizaram iniciativas visando à preservação de uma memória e constituição do que poderia se chamar de uma história pública<sup>9</sup> da colonização em regiões do Estado. É preciso mencionar uma diferença entre memória e história, uma vez que ambas não podem ser confundidas. A primeira, enquanto construção social, permite a “formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional”. Ela não se confunde com a história, que “é uma forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva” (Menezes, 1992, p. 22). Mas a apropriação do passado, os usos e as disputas para a construção de identidades sociais é algo que se destaca em momentos como o abordado no presente texto.

Os padres assumiram protagonismo na elaboração de pesquisa, seleção e reavivamento das histórias e memórias locais, constituindo espaços de preservação e lembrança, bem como se dedicando à publicação de obras. Rovílio Costa, que recebeu menção honrosa no concurso de monografia do

Biênio, era frei Capuchinho e padre católico, além de escritor e um dos principais estudiosos do tema da imigração italiana, bem como outros sacerdotes, como Clementino Marcuzzo e Luiz Sponchiado. Todos eles eram descendentes de imigrantes italianos e atuavam em paróquias existentes em regiões de colonização. Os dois últimos se destacaram por escrever e participar de atividades referente às comemorações do Centenário em comunidades de Quarta Colônia. Iremos centrar a análise em algumas das iniciativas de ambos os padres.

O sacerdote Marcuzzo, com formação em jornalismo, além de ser correspondente no jornal *Correio Riograndense*, de Caxias do Sul,<sup>10</sup> fundou *O Radar*, em Faxinal do Soturno<sup>11</sup>. Com tiragem de 1500 exemplares e de distribuição gratuita, o periódico iniciou as atividades em 16 de agosto de 1975. Não sabemos quando o último deixou de circular, porém, noticiaram as festividades que aconteceram nas comunidades da Quarta Colônia. Através da análise do jornal *O Radar* foi possível perceber que Marcuzzo buscava divulgar as notícias sobre os festejos das diferentes localidades da Quarta Colônia referentes ao Centenário da imigração, deixando, desse modo, muito claro a sua preocupação com a divulgação, o registro e a preservação das práticas, dos hábitos, das tradições e dos costumes dos antepassados italianos. Em 1982 foi publicado o livro *Centenário de Vale Veronês: epopéia da imigração italiana de Vale Veronês com seus costumes e tradições*, de autoria do referido sacerdote. Ele se destacou no período também como alguém empenhado em registrar canções populares, salvaguardar documentos e objetos, bem como constituir um acervo de registros e memórias que preservassem tudo o que fazia referência à vida dos antepassados italianos e das comunidades por eles fundadas. A partir disso, foi organizado o Museu da Imigração em Vale Vêneto (distrito de São João do Polêsine), que guarda parte do material recolhido e produzido pelo sacerdote Marcuzzo.

A explosão de pesquisas e publicação de livros a partir das comemorações do Centenário, em 1975, é algo que ganhou destaque e constitui uma produção historiográfica relevante, tendo recebido incentivos públicos naquele momento. No referido ano, foi organizado, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), um Seminário de História da Imigração Italiana como maneira de demarcar os 100 anos da chegada dos primeiros italianos no Estado. Em alusão ao Centenário, outras atividades, como exposições, apresentações artísticas, fóruns e desfiles buscaram homenagear os pioneiros e celebrar a fé, a religiosidade e os valores que eram destacados como constituidores da identidade do mencionado grupo de estrangeiros.

Foram realizados desfiles em carros alegóricos nos municípios da região da Serra Gaúcha, onde os festejos entravam na programação oficial, assim como em lugares da Quarta Colônia. Nessa última, a partir da iniciativa autônoma de agentes locais. Conforme noticiado na imprensa, as encenações do passado se centravam na “reconstrução da chegada dos primeiros imigrantes italianos e dos dias difíceis da época pioneira”.<sup>12</sup> É preciso dizer que embora as comunidades e municípios existentes na Quarta Colônia não fizessem parte das comemorações oficiais do Centenário promovidas em âmbito estadual, tais lugares não deixaram de realizar suas festividades, conforme veremos na sequência.

O bispo da diocese de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, promoveu a criação de uma Comissão Diocesana do Centenário da Imigração Italiana para cuidar das festividades religiosas e comemorações nas diferentes paróquias. Em 1975, o padre Luiz Sponchiado foi convidado para dirigir o grupo das atividades comemorativas nos diferentes lugares da Quarta Colônia. Ao receber tal encargo, o referido sacerdote passou a ampliar as pesquisas que já vinha desenvolvendo sobre a imigração italiana, passando também a participar de encontros sobre as festividades realizados em outros locais de colonização italiana.<sup>13</sup> Em 19 de outubro de 1975, no período do Biênio da Colonização e Imigração no Estado, a localidade de Novo Treviso, pertencente ao município de Faxinal do Soturno, teve como programação a realização de desfile histórico com carros alegóricos, benção e inauguração da lápide comemorativa do jubileu da paróquia; missa solene com a presença do bispo Lorscheiter, procissão religiosa, almoço

festivo, desfile histórico, inauguração da Praça do Imigrante, um coquetel para as autoridades presentes e, para encerramento, um baile à italiana.

Através de uma coleção de 100 fotos em preto e branco, é possível perceber os diferentes momentos mencionados. Não se sabe quem foi o autor dos retratos, mas, através deles, pode-se perceber o papel de destaque assumido pelo padre local nas comemorações, ao lado de autoridades políticas e religiosas externas. O ponto que queremos destacar dessas comemorações é o desfile. Para a análise das imagens, importam os elementos de forma do conteúdo e expressão, o que ajuda a entender os usos públicos do passado (Mauad, 1996). Tudo assumia uma significação, as encenações, os gestos, as roupas e objetos utilizados, as palavras proferidas, o tempo que retratavam, as pessoas e o lugar que cada um ocupava (Paiva, 2001, p. 85). A mensagem passada através do que era representado – pessoas trabalhando na terra, realizando atividades artesanais e festejando – despertava emoções no público.

A imagem<sup>14</sup> que segue (Figura 1) representa o cotidiano do trabalho na pequena propriedade agrícola. No centro da fotografia, percebem-se três homens lavrando a terra com o arado, puxado por bois. Destaca-se que eram sempre vários indivíduos que realizavam as atividades no campo. Os utensílios e os animais eram considerados importantes bens que garantiam a unidade de produção (Vendrame, 2018). Ao fundo, o grande público que prestigiou o desfile.

Figura 1 – Desfile à italiana – O trabalho com a terra.



Fonte: Arquivo pessoal Maíra Ines Vendrame – MIV.

O trabalho e o envolvimento de todos os integrantes da família nas diferentes atividades laborais foi um dos elementos centrais do desfile histórico ocorrido em Novo Treviso. Através das situações encenadas e das ferramentas utilizadas, ganharam destaque a valorização das atividades agrícolas, artesanais e a própria produção de vinho como momento de trabalho e festividade. É preciso destacar que a terra tinha alto valor simbólico e econômico nessas regiões de colonização italiana e as festas do Centenário representaram o italiano como “um trabalhador incansável” e “portador de virtudes específicas” (Zanini, 2008, p. 144). O trabalho agrícola coletivo, os produtos da colheita e bens adquiridos eram motivo de orgulho e representavam o sucesso alcançado pelo imigrante. As comemorações do Centenário buscaram destacar a dedicação ao trabalho, as posses adquiridas, autonomia e as conquistas decorrentes do empenho das famílias de imigrantes italianos e descendentes nos lotes coloniais em que se estabeleceram e fizeram prosperar (ver Figura 2).

Figura 2 – Desfile à Italiana.



Fonte: Arquivo pessoal MIV.

As cenas representadas no desfile eram montadas em cima de caminhões, em tratores e carros com carrocerias, percorrendo a quadra principal da comunidade, local onde se encontra localizada a igreja e o salão de festas. Na figura acima, novamente pode-se perceber a encenação de uma das atividades agrícolas da família imigrante. Percebem-se seis pessoas em cima de um caminhão – entre elas, três mulheres com vestido e cabelos longos, e três homens que estão de calças. Todos estavam de chapéu na cabeça, o que dá a entender que era um trabalho realizado durante o dia, talvez sob o sol escaldante. Todas as pessoas estão com instrumentos de trabalho nas mãos. A imagem indica para o trabalho conjunto de homens e mulheres na terra, colheita e preparação dos grãos. É provável que o grupo representasse um agregado familiar, composto por mais de um casal, algo comum entre as famílias: o patriarca e filhos casados que residiam na mesma casa e trabalhavam juntos, modelo de família estendida, ou seja, casais residindo sob o mesmo teto e que trabalhavam juntos, algo frequente entre os imigrantes italianos nas regiões coloniais (Vendrame, 2013).

Os valores e princípios éticos, como aqueles da dedicação coletiva ao trabalho com a terra e a produção de alimentos representado nas fotografias, aparecem ressaltados em livros publicados à época. De acordo com Olívio Manfroi (1975, p. 121), “o imigrante foi um trabalhador incansável, rude e persistente”, sendo qualidades reconhecidas por todos e o que “constitui sua glória”. As palavras do autor se relacionam com a imagem construída do colono italiano nas encenações, que sugerem uma trajetória de muito trabalho, esforço e sucesso, sendo essa a narrativa identitária transmitida para as futuras gerações.

No desfile do Centenário da Imigração Italiana em Novo Treviso, as atividades femininas também ganharam destaque, além daquelas ligadas ao cultivo e produção. Conforme imagem abaixo (Figura 3), vemos quatro mulheres, sendo que a matriarca se encontra no centro do grupo. Ganha destaque o trabalho coletivo das mulheres, através do manuseio com a palha de milho através da confecção de chapéus e bolsas. Há uma máquina de costura em cima da mesa, do lado direito, representando o ato da costura de roupas ou tecidos; a figura do lado esquerdo – uma menina está a sua frente – representa um tear. É uma representação que indica para a importância da transmissão de determinados saberes para as gerações mais novas, destacando a atenção que conferem à educação feminina para o trabalho.

Figura 3 – Desfile à Italiana – O trabalho realizado pelas mulheres.



Fonte: Arquivo pessoal MIV.

As encenações trazem a mulher como aquela que auxiliava o marido na propriedade rural, cuidava dos afazeres da casa e dos filhos e, ainda, realizava trabalhos complementares, com o tear, a costura, o trabalho com a palha e a fabricação de chapéus e bolsas, como retratado na figura acima. A construção de vínculos com o passado no presente através das comemorações dos 100 anos da imigração aparece como algo de destaque no desfile. Este retratou a história das famílias de imigrantes italianos e descendentes, seus hábitos, costumes, práticas e normas sociais, dando suporte para a construção de uma memória pública, que se torna fundamental para a definição de uma identidade étnica. Rememorar, exaltar e reforçar aspectos presentes na vida das famílias imigrantes era uma maneira de conectar um fio com o passado, indicando continuidade entre os pioneiros e os descendentes. O cenário constituía uma narrativa identitária através da valorização de determinados valores, consumos alimentares e comportamentos. Através dos eventos festivos – como os desfiles –, eram sinalizados e recordados os momentos que marcaram a trajetória da comunidade, sendo recuperadas as experiências como algo coletivo que atravessava os diferentes tempos e era continuamente presentificado (Beneduzi, 2016).

Considera-se as festas uma porta de entrada para entender as dinâmicas na construção das identidades e afinidades nas comunidades fundadas pelos imigrantes italianos. As celebrações, jantares, almoços, desfiles e inaugurações de monumentos são iniciativas que propiciam momentos e a constituição de espaços afetivos, identitários e a vivência de memórias. Tais iniciativas apontam para os processos de produção de territórios étnicos, onde determinadas práticas, valores, percepções, modos de agir e viver precisam ser constantemente reforçados e rememorados.

Através das notícias divulgadas na imprensa, torna-se possível analisar como as festividades ligadas aos 100 anos da imigração foram organizadas nas diferentes comunidades da Quarta Colônia. Todas elas centravam na realização de missas e almoços, bem como jantares com cardápio “à italiana”, onde alguns alimentos ganhavam destaque. A localidade de Val Feltrina, que possuía uma produção de uva e

vinho considerada significativa em relação aos demais núcleos, celebrou em fevereiro de 1976, a I Festa da Uva e do Vinho. Em reportagem do jornal *Correio Riograndense* era lembrado que as “11 famílias de imigrantes que se estabeleceram naquele profundo desfiladeiro da Serra de São Martinho, distante apenas 6 quilômetros do célebre Barracão de Val de Buia, procediam todos de Feltre, uma comuna do norte de Vêneto, na Itália”.<sup>15</sup> A geografia que marcava o vale onde a comunidade de Val Feltrina se encontrava, bem como a estrutura existente no local para receber as pessoas para a festa, foi noticiada pela imprensa. O momento da festa era ocasião em que as comunidades buscavam certa visibilidade e garantir um capital social para o lugar (Zanini; Santos, 2013). Era também a oportunidade que tinham para atrair atenção das autoridades externas, solicitando certas melhorias. Nesse sentido, os eventos festivos realizados nos pequenos povoados não eram apenas momentos de conhecimento da própria história e de reforço dos vínculos agregativos e identitários, mas se tornavam um ato de reivindicação e reconhecimento público dos poderes externos.

A comunidade de Vale Vêneto comemorou o centenário da imigração com almoços e jantares com cardápio “à italiana”, sendo apresentada “a maior polenta da história”. O *Jornal do Brasil* noticiou o evento da seguinte forma: “Uma polenta com 9 metros de circunferência, cozida e assada na chapa e servida sobre um tablado especial, é o prato de destaque do “jantar dos gringos”,<sup>16</sup> em 1975. As festas se estenderam nos anos seguintes, com os jantares e almoços anunciados como “fartos” e com “comida típica”.<sup>17</sup> Numa das festas, a grande atração do jantar eram “três presuntos de grandes proporções, um deles medindo quase dois metros”.<sup>18</sup> A diversidade e a abundância de alimentos assumem valor e aspectos identitário da mesa colonial italiana. O vinho e a polenta se sobressaem como alimentos que se tornaram símbolos da mesa e da cultura dos imigrantes na região colonial.<sup>19</sup>

Em 1977, o Vale Vêneto igualmente comemorava o seu centenário de fundação, tendo recebido visita das autoridades religiosas com a realização de almoço tradicional italiano, onde a principal atração foi “a cuca em forma de ‘V’ com três metros de comprimento, conforme destacou jornal da cidade do Rio de Janeiro”.<sup>20</sup> Isso indica que as comemorações tinham certa importância por serem noticiadas na imprensa fora do Estado do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, em 1978, foi inaugurado o Monumento ao Imigrante na praça central da referida comunidade, que consistia em três, formando um triângulo; em um dos monumentos, uma grande panela de ferro era sustentada por grandes correntes, simbolizando o utensílio em que era feita a polenta (Rainha, 1978, p. 50). Em placa ao lado encontra-se a seguinte afirmação: o “povo rende justas homenagens aos bravos pioneiros imigrantes que da região do Vêneto (Itália) vieram povoar este pitoresco vale”. Os monumentos devem ser entendidos como marcos da memória, servindo para o reforço de uma identidade étnica (Chaoy, 2001).

No mesmo período das comemorações do Centenário da Imigração, foi fundado um museu na referida comunidade para preservar a história das famílias de imigrantes italianos e descendentes que haviam chegado à região colonial, servindo como homenagem aos imigrantes italianos. Enquanto local de memória, o espaço guarda objetos, registros e fotos como garantia das origens comuns, dissipando as inquietações geradas pela “incerteza dos começos” (Chaoy, 2001, p.18). Tanto os monumentos quanto os museus podem ser entendidos como ações que garantem a constituição de territórios étnicos através das narrativas que exprimem memórias e sentimentos que evocam continuamente.

Como mencionado anteriormente, para compreender as diferentes atividades realizadas durante as comemorações do centenário nas comunidades da Quarta Colônia, é importante atentar para o papel de certos agentes que atuaram na constituição de uma memória pública dos processos de migrações e dos lugares fundados pelas famílias italianas. Em Vale Vêneto, o padre Clementino Marcuzzo participou da organização dos atos festivos, bem como registrou, fotografando e escrevendo, as atividades comemorativas, tendo, inclusive, recolhido material documental que foi destinado para o museu fundado na comunidade. Na sequência, iremos centrar a análise na atuação do sacerdote Luiz

Sponchiado, que foi escolhido para presidir a comissão do Centenário da Imigração Italiana dentro da diocese de Santa Maria.

## Um pesquisador público: mediação e a valorização da história local

A história da família de Luiz Sponchiado se cruza com a origem das comunidades de imigrantes da região da Quarta Colônia. Neto de italianos, nasceu em Novo Treviso, no dia 22 de fevereiro de 1922, tendo seus pais se mudado, posteriormente, para o noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Após se tornar sacerdote, Sponchiado retornou para a terra natal dos pais, passando a atuar no município de Nova Palma, onde viveu grande parte de sua vida. No referido lugar, destacou-se nas atividades religiosas e em questões políticas, econômicas, sociais e culturais, conforme é possível compreender em estudo de Juliana Manfio (2015, p. 13).

Ao ser nomeado pelo bispo para liderar a Comissão do Centenário da Imigração Italiana, em 1975, Sponchiado já realizava pesquisas sobre a história local e regional da região da Quarta Colônia. Foi convidado para publicar em jornais as *Crônicas da Colonização*, elaboradas por ele. Os textos tratavam da chegada dos imigrantes italianos e diferentes assuntos que marcaram a vida nas regiões coloniais nos primeiros tempos. As histórias narradas pelo sacerdote colocavam o leitor frente às dificuldades encontradas pelos imigrantes nos primeiros tempos, como a abertura das matas, perigos em relação aos animais selvagens, construção das casas e cultivos agrícolas.

No município de Nova Palma, Sponchiado também coordenou as festividades do Centenário da Imigração que ocorreram em 1984, ano da passagem dos 100 anos do Núcleo Soturno.<sup>21</sup> Além da celebração de missas, inauguração de pedra monumental do local onde foi realizada a primeira missa, participou de almoços e jantares, organizou o desfile histórico, entre outras atividades. Além disso, envolveu-se na construção e reforma dos capitéis – capelinhas erguidas pelos imigrantes italianos e descendentes – existentes dentro do município, mostrando, assim, sua ação concreta dentro dos festejos.

Como liderança religiosa, colocou-se à frente da organização dos festejos na paróquia, planejando os “desfiles nas vias públicas” da cidade onde eram contadas as histórias do lugar a partir da chegada dos imigrantes, através da construção da igreja e realização das atividades religiosas (Santin, 1986, p. 26-27). O padre Sponchiado planejou e organizou as comemorações, sendo ele auxiliado pelas autoridades políticas locais e paroquianos que faziam parte da comissão festiva. Um desfile histórico foi organizado, sendo o processo de instalação dos imigrantes retratado nas ruas do município. Esse evento foi fotografado e os retratos organizados em uma espécie de álbum.<sup>22</sup>

É preciso destacar que o trabalho de Sponchiado não era apenas organizar e coordenar as festividades, mas igualmente o de preservar os registros possíveis que encontrasse em suas pesquisas de campo junto aos descendentes de imigrantes. Havia uma clara preocupação em salvaguardar documentos, bem como em registrar as memórias e eventos locais. Dessa forma, Sponchiado se colocava como um “guardião da memória”<sup>23</sup> pública da imigração,<sup>24</sup> da história dos lugares e famílias de imigrantes italianas que aportaram no quarto núcleo de colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul.

O crescente debate sobre história pública no Brasil, especialmente na última década, ajuda a refletir sobre o trabalho de agentes sociais que estiveram envolvidos, de diferentes maneiras, em projetos e iniciativas que buscavam difundir narrativas históricas e memórias sobre o passado.<sup>25</sup> A atuação do padre Sponchiado é um exemplo disso, uma vez que se tornou agente responsável pela elaboração e difusão de histórias sobre as migrações e vida dos italianos na região colonial. Pesquisou em arquivos públicos, recolheu documentos, escreveu e divulgou as narrativas que construiu, fazendo uma história “voltada para a inter-relação de memória e narrativa”, que valorizava a “construção de identidades

coletivas” e unidades territoriais a partir de “consciência histórica”, adquirida através das representações, memórias e histórias divulgadas (Almeida; Rovai, 2011, p. 7). Mais que apenas escrever, divulgar e recolher material documental entre as famílias de imigrantes, Sponchiado trabalhou na constituição de um espaço de memória, que guardava as histórias dos grupos familiares que haviam aportado a região colonial do centro do Estado do Rio Grande do Sul.

A inauguração do CPG ocorreu em 1984, durante as comemorações dos 100 anos de fundação da comunidade de Nova Palma, ou Núcleo Soturno, como originalmente se chamava.<sup>26</sup> Sponchiado realizou pesquisa em todas as paróquias da região colonial, coletando informações para construir as genealogias das famílias imigrantes. Também recolhia depoimentos entre os descendentes sobre diferentes assuntos. Além da pesquisa local, o sacerdote buscou dados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, no Arquivo Nacional e na Hospedaria da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Tais acervos possibilitaram a reunião de uma quantidade significativa de informações a respeito da formação da Quarta Colônia, dando origem aos *livros genealógicos*<sup>27</sup>. Outro material interessante que se encontra disponível no CPG são 200 fitas de vídeo (VHS) de filmagens realizadas por Sponchiado. Contém registros de eventos diversos, como festas, inaugurações, construções, encontros de famílias, missas e, inclusive, velórios e enterros. A filmadora era um importante instrumento para registrar acontecimentos que considerava relevante, indicando, desse modo, para a atuação do padre enquanto historiador público que recolhe informações e buscava salvaguardar documentos e a memória de práticas socioculturais diversas, bem como costumes e modos de viver da população local.

Com um gravador de voz, Sponchiado gravou diversas músicas cantadas em dialeto italiano, constituindo, desse modo, um banco de dados de canções populares. O desejo de preservar manifestações da cultura dos imigrantes italianos e descendentes, como também de construir um espaço de memória, torna-o um dos principais protetores das lembranças e promotor de uma história pública da imigração, aspecto que fica evidente ao se analisar as ações do referido sacerdote. Para exemplificar melhor estas questões, iremos apresentar o trabalho realizado por Sponchiado de reconstituição da trajetória da família Stoch, grupo que se instalou no Núcleo Soturno nas últimas décadas do século XIX.

O levantamento de informações e pesquisa realizada pelo sacerdote culminou com a organização da I Festa da Família Stoch,<sup>28</sup> em janeiro de 2002. Nessa ocasião, durante a celebração realizada, foi narrado o percurso da família até o Brasil, as dificuldades enfrentadas e o trágico evento que ocasionou a morte de Maria Stella Stoch e o seu filho pequeno. Através de conversas com moradores da comunidade onde a família habitava, Sponchiado procurou demarcar o local onde teria ocorrido o ataque criminoso contra a jovem mãe e a criança, evento esse que não deveria ser esquecido. O sacerdote narrou o ocorrido no texto “Uma história de sangue na colonização italiana...”<sup>29</sup>, em celebração religiosa e festiva, em que foi inaugurado um monumento em local onde possivelmente o crime havia acontecido. Ele pesquisou, narrou, celebrou e inaugurou uma obra que devia marcar um espaço a partir da materialização de uma memória sobre as dificuldades enfrentadas no início da colonização. Ao fazer isso, agia como alguém que mais do que coletar, reavivava memórias ao elaborar narrativas históricas e tornar as mesmas públicas, através das celebrações, discursos e inauguração de monumentos. Esses tinham como função o “poder da perpetuação” das memórias locais (Le Goff, 1990, p. 536).

O movimento de reforma dos capitéis existentes na municipalidade, empreendido por Sponchiado, vinha no sentido de preservar a identidade das comunidades étnicas, reforçando elementos como a religiosidade e a fé dos antepassados imigrantes e descendentes que viviam na região colonial. Erguidas por motivações variadas nas primeiras décadas de ocupação do território, as pequenas capelinhas construídas na margem das estradas a um santo protetor devem ser entendidas como monumentos, uma vez que são expressões da cultura de um grupo. Com cerca de 40 capitéis, todos foram reformados,

recebendo cada um deles uma placa em alusão aos 100 anos da imigração italiana, sendo considerados expressões da religiosidade dos imigrantes, segundo narrativa elaborada por Sponchiado. As diferenças e os objetivos originais de cada construção foram apagados e seus significados reatualizados através das reformas empreendidas pelo sacerdote.<sup>30</sup>

A reforma dos capitéis ajudou a comunidade a tomar conhecimento sobre a história local, os sofrimentos da travessia transoceânica e as dificuldades enfrentadas nos primeiros tempos, reforçando, desta maneira, a coragem dos pioneiros que, apesar das desgraças iniciais, conseguiram vencer. Houve uma atualização de certas construções, o que permitiu a construção de uma memória pública da imigração italiana, sendo o padre Sponchiado o principal promotor. Tais atividades ajudaram a definir os lugares de colonização enquanto territórios marcados por práticas sociais, lembranças e sentimentos específicos. O material documental levantado, as fontes orais e visuais produzidas – fotografias, gravações, filmagens –, a reforma dos capitéis e a inauguração de outros monumentos enquanto marcos da memória, foram iniciativas fundamentais para os processos de rememoração e constituição de narrativas sobre determinado espaço, tempo e grupos populacionais. Não existe memória espontânea, elas são fruto de diferentes operações, como da organização de arquivos, celebrações, edificações e fundação de lugares de lembranças.<sup>31</sup>

## Considerações finais

O Biênio da Colonização e Imigração foi decretado pelo governador do Rio Grande do Sul em 1975, momento em que passaram a ser organizadas festividades em comemoração aos 100 anos da presença dos imigrantes italianos no Estado. Diversas comunidades, incluídas ou não nos festejos oficiais, organizaram atividades comemorativas através de almoços, jantares, desfiles, celebrações religiosas e inauguração de monumentos. Era um momento de exaltação de memórias, histórias, hábitos, práticas e modos de viver das pessoas nas regiões de colonização italiana. Através das festas, homenagens e desfiles ocorreu uma apropriação do passado comum para conferir sentido ao presente e se colocar no fluxo do tempo futuro. Nesse sentido, as encenações dos diferentes momentos da vida das famílias imigrantes em um desfile, como o analisado nesse artigo, são um ótimo exemplo do momento da elaboração de uma história pública, com a participação e tomada de consciência por parte das pessoas em relação ao lugar em que vivem, as afinidades, as identificações interétnicas e demarcação das diferenças e fronteiras em relação a outros grupos que ocupam o mesmo espaço.

A seleção e celebração de fatos do passado são procedimentos que fazem parte da construção de uma história pública da imigração italiana por parte de seus promotores sociais, aqui no caso os padres. Esses assumiram um papel fundamental na ligação e continuidade entre os diferentes tempos, passado/presente/futuro, bem como no acionamento de recursos e usos das memórias e histórias locais.<sup>32</sup> O reforço e a exaltação de elementos identitários do grupo étnico passaram a ser destacados através das atividades comemorativas que narraram a epopeia das famílias imigrantes que chegaram às regiões coloniais do sul do Brasil. No presente artigo analisaram-se as iniciativas dos padres Luiz Sponchiado e Clementino Marcuzzo, que assumiram protagonismo na elaboração de pesquisas, na seleção e reavivamento das histórias e memórias locais, bem como na constituição de espaços de preservação, dedicando-se à publicação de obras. A maneira como as comemorações do Centenário da Imigração Italiana foi vivida em diferentes comunidades da Quarta Colônia ajuda a refletir sobre a importância desse momento festivo para a constituição de identidades étnicas territoriais e elaboração de uma história pública que exaltava elementos identitários e narrativas míticas em relação ao caráter e força dos imigrantes italianos e descendentes. A partir dos casos e experiências apresentados neste estudo, entendemos que as questões permitem pensar sobre os usos do passado realizados por

determinados agentes sociais para reforçar afinidades étnicas, memórias e despertar emoções como forma de produção de referências identitárias territoriais. Os desfiles, com suas representações, tornaram-se ocasiões para o despertar de certos sentimentos, reconstituindo “comunidades emocionais”<sup>33</sup> e lugares em espaços marcados pela colonização italiana. Havia de fato demanda política e social para tamanha exaltação, ou seja, um contexto local, regional e estadual favorável à articulação de diferentes iniciativas que celebrassem a importância de determinados grupos étnicos para o desenvolvimento econômico e progresso do estado de um modo geral.

A partir de 1970, momento que marcava os 100 anos da chegada dos primeiros grupos de imigrantes italianos ao Estado do Rio Grande do Sul, as comemorações, a organização de lugares de memória, produção de narrativas históricas por diferentes atores sociais, sejam os padres/pesquisadores e historiadores de formação ou não, constituíram uma história pública da imigração italiana. Para isso foi fundamental a participação da comunidade de descendentes, o recolhimento de material documental, o registro de memórias e elaboração de narrativas, bem como sua divulgação através de diferentes maneiras. Assim, definiram-se uma identidade étnica e um *ethos* para os lugares marcados pela presença de famílias de descendentes de imigrantes italianos, sejam eles espaços rurais ou urbanos. Mesmo tendo centrado em iniciativas ocorridas em lugares específicos do território sul-rio-grandense, entendemos que as ideias levantadas no presente artigo servem para lançar questionamentos para refletir sobre o papel das celebrações – na sua relação entre presente e passado – e envolvimento de alguns agentes sociais em outros estados brasileiros que realizaram festividades para exaltar a imigração europeia e colonização em determinados lugares.

## Referências

- ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: **Introdução à história pública**. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida, ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira Rovi (org.). São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- BENEDUZI, Luis Fernando. A festa como patchwork: indício e laboratório da memória coletiva. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla (org.). **Imigração, práticas culturais e sociabilidade: novos estudos para a América Latina** São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016. p. 102-134p.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- COSTA, Rovílio. (org.). **Imigração italiana: vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST/Sulina. 1974.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: **História e memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990, p. 535- 549.
- LIMA, Tatiane. **Os “usos políticos do passado” nas comemorações oficiais do biênio da colonização e imigração do Rio Grande do Sul (1974–1975)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.
- MAUAD, Ana Maria. “Através da fotografia. Fotografia e história: interfaces”. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 78-98.
- MAUAD, Ana Maria. “Usos do passado e História pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense” (1982-2017)”. **História Crítica**, n. 68, 2018, p. 27-45. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/811/81156122002/html/>. Acessado 10 de dezembro de 2022.
- MAUAD, Ana Maria. “O carnaval da História Pública”. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.). **História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado**. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2018a. p. 227-236.
- MANFIO, Juliana Maria. **A construção de uma memória: as comemorações do Centenário da Imigração Italiana na região da ex-colônia Silveira Martins (1975-1993)**. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

MANFIO, Juliana Maria. **De crimes e de narrativas: imigração e construção da memória (Nova Palma, final do século XIX)**. 2013. 58f. Monografia. (trabalho final de graduação em História). Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2013.

MANFIO, Juliana Maria. **Entre o sacerdócio e a pesquisa histórica: a trajetória de Padre Luiz Sponchiado na Quarta Colônia de Imigração Italiana**. (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “História, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-24, p. 1992.

NORA, Pierre. Entre memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História 10**. São Paulo, dez/1993, p. 7-28.

PAIVA, Eduardo. “A iconografia na história – indagações preliminares”. In: FRANÇA PAIVA. **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 17-34.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, vol. 5, n. 10, 1992, (p. 200-212), 1992.

ROSENWEIN, Barbara H. **Generazioni di sentimenti**. Una storia delle emozioni, 600-1700. ROMA: Viella, 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. “Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil”. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História Pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 23-35.

SANTHIAGO, Ricardo. Entrevista. “História pública no Brasil entre práticas e reflexões: a oficina historiográfica de Ricardo Santhiago entre a história oral e a história pública.” **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 2, p. 569-585, abr/jun. 2017.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST. 1986.

VENDRAME, Maíra Inês. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2013.

VENDRAME, Maíra Inês. O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS**. Vol. 10, Nº 20, (p. 264-286), julho - dezembro de 2018.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira. As Festas da Uva de Caxias do Sul, RS (Brasil): Historicidade, mensagens, memórias e significados. **Artelogie** (Online), v. 4, p. 1-10, 2013.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Pertencimento Étnico e territorialidade: italianos na região central do Rio Grande do Sul (BRASIL)**. *Redes* (Santa Cruz do Sul), v. 13, p. 140-163, 2008.

## Notas

<sup>1</sup> A pesquisadora Tatiane de Lima (2017) pesquisou sobre as comemorações do Biênio da Colonização e Imigração com o objetivo de investigar como o governo do Estado fez uso do passado imigrante nessas festividades.

<sup>2</sup> Memória é entendida aqui como um fenômeno que é construído coletivamente, estando “submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes” (Pollak, 1992, p. 202). As discussões sobre história, memória e usos do passado realizadas por Pierre Nora (1992), Michael Pollak (1992) e Ana Maria Mauad (1996, 2018) foram importantes para pensar as problemáticas apresentadas no presente artigo.

<sup>3</sup> A atual Quarta Colônia (uma expansão da ex-Colônia Silveira Martins) compreende nove municípios do centro do Estado do Rio Grande do Sul: Silveira Martins, São João do Polêsine, Faxinal do Soturno, Ivorã, Nova Palma, Pinhal Grande, Agudo, Restinga Seca e Dona Francisca.

<sup>4</sup> Para uma análise profundeada do Biênico da Colonização e Imigração no Rio Grande do Sul, ver Lima (2017).

<sup>5</sup> FACCIONI, Victor. [Discurso] 15 de maio de 1973, por ocasião da instalação do Biênio da Colonização e Imigração. Discurso proferido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. In: Relatório Oficial do Governo do Estado para o Biênio da Colonização e Imigração no Estado, p. 50.

<sup>6</sup> ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 22.410, de 22 de abril de 1973, que instituiu o Biênio da Colonização e Imigração.

<sup>7</sup> Com relação aos estudos produzidos nos anos 70 do século XX, ver Constantino (2011); Herédia; Paviani (2003).

<sup>8</sup> O professor Luís Alberto De Boni também escreveu sobre imigração italiana: a obra *Presença italiana no Brasil*, por ele organizada, é uma coleção de três volumes, resultada de eventos que aconteceram para discutir a presença dos imigrantes italianos em diferentes regiões do Brasil.

<sup>9</sup> Modalidade de história que é feita pelo público, ou seja, por pessoas não necessariamente formadas em universidades nos cursos de história. Esses dilettantes acessam o passado e produzem história sem, muitas vezes, recorrerem a métodos científicos utilizados nas universidades. Sobre os diferentes tipos de história pública, consultar Santhiago (2016; 2017).

<sup>10</sup> Vale mencionar que os eventos ocorridos na Quarta Colônia eram publicados mais ou menos um mês após a sua realização. Por exemplo: a primeira Festa da Uva de Val Feltrina ocorreu nos dias 14 a 22 de fevereiro de 1976, mas o jornal o *Correio Riograndense* publicou a nota de Padre Clementino Marcuzzo em 17 de março de 1976.

<sup>11</sup> Município da região da Quarta Colônia, que alcançou emancipação política em 1958.

<sup>12</sup> *A Razão*. Aprovada programação oficial do Centenário da Imigração Italiana. Santa Maria, 28 de março de 1975, p. 2.

<sup>13</sup> Provisão do Bispado Diocesano. In: Caixa: Centro de Pesquisas Genealógicas. CPG- Nova Palma.

<sup>14</sup> A fotografia aqui é tomada como uma “uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado”, conforme definição de Ana Maria Mauad (1996, p. 1).

<sup>15</sup> Val Feltrina festeja a uva e o vinho. In: **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 17 de março de 1976, p. 19.

<sup>16</sup> Jantar com polenta gigante no Vale Vêneto marcará 100 anos da Imigração Italiana. In: *Jornal do Brasil*: Rio de Janeiro, 26 de julho de 1975, p.20.

<sup>17</sup> Jantar à Italiana. In: **O Radar**, outubro de 1976, Faxinal do Soturno, p.12 (Centro de Pesquisas Genealógicas).

<sup>18</sup> Jantar à Italiana. In: **O Radar**, outubro de 1976, Faxinal do Soturno, p.12 (Centro de Pesquisas Genealógicas).

<sup>19</sup> Para pensar a fartura e o papel de alguns alimentos na constituição da identidade italiana nas regiões de colonização do Rio Grande do Sul, ver Vendrame (2018).

<sup>20</sup> D. Lorscheider cotado para suceder o papa. In: **O Fluminense**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1977, p.9.

<sup>21</sup> O Núcleo Soturno era um dos núcleos coloniais que faziam parte da Colônia Silveira Martins, atual Quarta Colônia.

<sup>22</sup> Sobre as referidas celebrações, o padre deixou inúmeros registros fotográficos e escritos, que podem ser encontrados no acervo que montou, – atualmente conhecido como Centro Pesquisas Genealógicas (CPG). O arquivo dispõe de documentos variados sobre história das comunidades e famílias italianas que chegaram à região da Quarta Colônia.

<sup>23</sup> Esse termo foi utilizado por Pollack (1989) ao analisar o papel de alguns indivíduos dentro de determinados grupos ou instituições em auxiliar na salvaguarda e ressignificação da memória.

<sup>24</sup> Sponchiado menciona que ele teria nomeado a ex-Colônia Silveira Martins como Quarta Colônia, por ser o quarto núcleo de colonização do Estado.

<sup>25</sup> Destacam-se alguns livros que reúnem pesquisas diferentes sobre história pública no Brasil e a potencialidade das discussões realizadas nos últimos anos acerca da necessidade de espaços de debates interdisciplinares e de uma nova postura do historiador com relação aos diversos públicos que deve atingir (Almeida; Rovai, 2011; Mauad; Almeida, Santhiago, 2016; Almeida; Meneses, 2018; Mauad; Santhiago; Borges, 2018).

<sup>26</sup> Por conta do Rio Soturno, afluente do Rio Jacuí, que corre próximo ao centro da cidade e de grande importância para a irrigação das plantações até os dias de hoje.

<sup>27</sup> Atualmente, o CPG é um arquivo procurado por quem busca informações sobre famílias de imigrantes italianos e descendentes. Os livros genealógicos contêm dados como data de nascimento, de casamento e falecimento; número de filhos, local de nascimento, destino (mudanças de moradias, deslocamentos) e observações.

<sup>28</sup> No CPG existe uma caixa com a denominação de Stoch, no qual há várias fontes e documentos sobre a família.

<sup>29</sup> “Uma história de sangue na colonização italiana, no núcleo Soturno da ex-colônia de Silveira Martins do Rio Grande do Sul”. Narrativa escrita de Padre Luiz Sponchiado: Igreja Santo Antônio, de Linha Três, Nova Palma. 2002

<sup>30</sup> Para aprofundamento sobre o trabalho do padre em relação à reforma dos capitéis e seus novos significados, ver: Manfio (2019).

<sup>31</sup> Sobre essa discussão dos lugares de memória, que “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, sendo preciso, portanto, criar arquivos, datas festivas”, consultar Pierre Nora (1993, p. 12).

<sup>32</sup> Algumas das ideias apresentadas tiveram inspiração no artigo de Ana Maria Mauad, intitulado “O carnaval da História Pública” (Mauad, 2018a).

<sup>33</sup> O conceito de comunidades emocionais ajuda a compreender o papel das emoções na conformação de lugares de pertencimento, afetos e afinidades, bem como na definição das identidades étnicas. A natureza dos laços afetivos, sentimentos e as maneiras de expressão emocional que os membros esperam e alimentam são aspectos que permitem analisar as comunidades emocionais (Rosenwein, 2016).

### **Juliana Maria Manfio**

Doutora em História pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS).

### **Maíra Ines Vendrame**

Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale dos Sinos. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio de doutorado na Università degli Studi di Genova (2013). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2 (22/atual).

**Submetido em:** 06/02/2023

**Aceito em:** 20/10/2023